

Aquino de Bragança em almoço com o EXPRESSO:

**“Há uma certa esquerda preguiçosa  
que se sente mal por sermos  
amigos de um país da NATO”**

**"A VISITA do primeiro-ministro português a Moçambique tem um grande significado para nós."**

Foi Aquino de Bragança quem o disse, na terça-feira, aos jornalistas do EXPRESSO que com ele almoçaram no Pabe.

A ementa? Figos com presunto e pato assado.

Aquino de Bragança não é um desconhecido do EXPRESSO. Chegou mesmo a tomar a sua defesa, quando no chamado "Verão quente" forças houve que nos tentaram silenciar, devido à informação que não era cómoda para os poderes de então. Mas, neste capítulo, a História repete-se. Que o diga o ministro Basílio Horta.

## Eurocentrismo

Desta vez chegou a Portugal vindo da França onde participou num colóquio a convite do Partido Socialista. Um dos temas focados "a vol-d'oiseau" foi o do eurocentrismo.

**"Esse orgulho europeu de não olhar para fora de si mesmo".**

Para Aquino de Bragança o conceito é desnaturado.

**"O que significará eurocentrismo para um japonês e um chinês, com a cultura e o desenvolvimento que os caracteriza? Para já não falar de outros povos."**

Aquino de Bragança é um homem que correu mundo e continua a caminhar-lo. Em conferências, mesas-redondas, por vezes em missões políticas que envolvem uma certa subtilidade, melindre e discrição. Na independência de Moçambique desempenhou um papel importante na concretização dos acordos de Lusaca.

**"Os acordos de Lusaca acabaram por ser uma formalidade, pois quase tudo estava preparado antes."**

Aquino de Bragança recordou, então, os homens, do lado português, mais relevantes neste processo, com quem ele próprio se encontrou.

**"O processo diplomático que materializou a independência de Moçambique desenrolou-se à volta da Coordenadora do MFA de que Melo Antunes foi o cérebro."**

Aquino de Bragança, na casa dos 50, nasceu em Goa e peregrinou, cedo, pela Europa, sobretudo França, cujas universidades frequentou. Ciências, físico-químicas, e depois engenharia metalúrgica, mas atraído sobretudo pela política e em especial pela filosofia subjacente ensaiando também o jornalismo. É nele patente o espírito "nuanceado" e subtil do oriental, agudo e floreado, sendo muitas vezes necessário como que adivinhar o que ele quer dizer através dos conceitos sugeridos, que deixa em suspensão interrogativa.

Hoje é director do Instituto



Os telefonos não o deixaram sossegar. Desta vez foi um colega do liceu que não o via vai para 30 anos. Soube dele pelo EXPRESSO e vá de marcar encontro...

de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, um especialista na problemática da África do Sul. Acompanhou e acompanha Samora Machel com frequência, é seu amigo íntimo, detesta que o chamem seu conselheiro, mas admira-o a ponto de dizer que, sem dúvida, ele é o político mais clarividente de toda a África. É também Aquino de Bragança um dos históricos dos movimentos de libertação, imprescindível para o conhecimento do seu passado. Na sua organização e divulgação trabalhou em Marrocos e sobretudo Argélia e França. Um homem, por conseguinte, que vem de muito longe e com muito mundo dentro de si, avesso a escolas de pensamento estereotipado, devorador de livros das mais diversas proveniências e um apaixonado pela história de Portugal, sobretudo dos tempos de Salazar e Caetano.

## Salazar e Caetano

**"Nós somos, até certo ponto, um produto de Salazar. Sem esse homem, não seríamos aquilo que hoje somos. Penso que ele nunca teve vontade nem cultura para dialogar com um preto. Era um homem determinado, enquanto Caetano era uma personalidade frágil. Se Marcelo Caetano em 68 tivesse dialogado com a Frelimo num projecto de autodeterminação, teria certamente prevalecido no Movimento a corrente mais moderada."**

**"Recorde-se, — continua Aquino de Bragança, — que, em 1968 a Frelimo estava dividida em duas alas. Caetano hesitou e venceu a ala esquerda."**

Lembramos aqui o que Samora Machel disse em entrevista ao EXPRESSO, vai para

dois anos, mais ou menos por estas palavras: **"ainda havemos de fazer uma homenagem a Salazar porque se ele não tem sido tão teimoso eu hoje seria português"**.

Apesar de tudo é visível a ponta de ironia juntamente com o respeito por uma personalidade grande de quem se discorda frontalmente, sempre que se refere a Salazar:

**"Nós não éramos aquilo que ele pensava que nós éramos: uns ignorantes da política portuguesa. Também aqui desejava prestar uma homenagem ao EXPRESSO. Tornou-se para nós leitura religiosa em 73, por conseguinte logo que apareceu. Quando, após o 25 de Abril, começaram a ser divulgadas as teses de Spínola, foi-nos possível dar imediatamente uma resposta orgânica, uma vez que já conhecíamos o seu pensamento através do EXPRESSO"**.

A este propósito, Aquino de Bragança, companheiro e amigo de Amílcar Cabral, contou-nos as apreensões do líder guineense face à política portuguesa que Spínola estava a implementar na Guiné — **"Para uma Guiné melhor"**, como então se dizia — e que era algo baseada no projecto do PAIGC.

Este é um período da nossa história relativamente desconhecido: as relações entre o general Spínola e Senghor, por exemplo. Segundo Aquino de Bragança, Amílcar Cabral teria recomendado a Senghor que não deveria negociar com um comandante militar, mas apenas com o Governo de Lisboa. Por outro lado, constanos, através de conversas havidas em 1973, entre o general Spínola e o EXPRESSO, que o próprio Amílcar Cabral lhe teria enviado mensageiros en-

quanto se não realizava um encontro a dois.

## O "Nó Górdio" de Kaulza

E que pensa de Kaulza de Arriaga?

**"Seria importante para a história dos nossos dois países um estudo desapassionado do tempo de Kaulza de Arriaga e dos seus conflitos com Marcelo Caetano."**

**"A ofensiva do 'Nó Górdio' foi a maior de todo o Império português e marca uma etapa histórica. A partir dela as Forças Armadas portuguesas entraram na defensiva e o colonialismo fica ferido de morte. Pela nossa parte foi a certeza da vitória, ficando claro, nessa altura, o grande apoio popular de que desfrutávamos, sem o qual teríamos perdido."**

## Soares e o PC

Aquino de Bragança é amigo pessoal de Mário Soares, mas acha que, embora o líder socialista sempre haja apoiado o anticolonialismo, mesmo através da amizade com os homens dos movimentos de libertação, nunca teve um entendimento profundo dos movimentos anticolonialistas africanos. Nem mesmo o Partido Comunista Português.

**"As negociações últimas que levam à independência acabam por ser entre político-militares."**

Devem salientar-se, neste processo luso-moçambicano, entre outros, homens como Melo Antunes, Almeida e Costa, Vítor Crespo e Menezes.

**"Crespo e Menezes asseguraram, na fase de transição, a unidade do exército português."**

**"Nunca a Frelimo desejou a desunião entre o exército português. Chegou a haver comandantes que queriam negociar a rendição com os nossos dirigentes, logo a seguir ao 25 de Abril, naquele período de indefinição. Nunca aceitámos essa posição. É mau quando um exército se desune. Isto do ponto de vista da Frelimo"**.

## O marxismo em Moçambique

E o marxismo em Moçambique como surge?

**"Aí está uma questão interessante que nos levaria muito longe"**.

Aquino de Bragança não é de obediências ideológicas. Interroga-se sempre e introduz dúvidas.

**"O marxismo surge em Moçambique como uma necessidade de resposta ao populismo desordenado. Mas trata-se de um marxismo endógeno e não enxertado, embora atento a experiências alheias. Mao, por exemplo. Se houve um grande dirigente mundial que a Frelimo leu, esse grande dirigente chama-se Mao. Muitos qua-**



Perez Metelo, Hermano Alves, Maria João Avillez, Augusto Carvalho e José António Saraiva, na terça-feira, no Pabe, com Aquino de Bragança

dos da Frelimo aprenderam português lendo Mao Tsé-Tung na tradução de Gentil Viana, que agora está aqui em Portugal. Samora dizia, no entanto: 'admiro Mao, mas não sou maoista'."

E a esquerda portuguesa?

"Até aos acordos de Lusaca as nossas relações com a esquerda portuguesa foram muito distantes. Distantes, mas não hostis, é preciso sublinhar. O fenómeno racista e colonialista tem certas e profundas especificidades e só o conhece bem quem o sofreu na carne. E quem o sofreu, fomos nós."

## Sá Carneiro

Singular parece ser o caso de Sá Carneiro. Curiosamente passaram em Portugal diversos Governos de esquerda e é Sá Carneiro quem desbloqueia o célebre problema do contencioso...

"O presidente Samora Machel acentuou isso mesmo quando morreu Sá Carneiro — um homem, dizia Samora, com quem se pode negociar, sente-se. Quebrando todas as regras do protocolo, foi pessoalmente com o Governo prestar-lhe homenagem, verdadeiramente sentida, à embaixada de Portugal em Moçambique."

Na altura, disse Samora Machel, e o EXPRESSO escreveu-o que a morte de Sá Carneiro havia representado uma perda para Moçambique.

E Balsemão?

"Julgamos que é um seu continuador e vamos recebê-lo da melhor maneira."

Alguém do EXPRESSO recordou, então, que a política de Sá Carneiro no referente aos países de expressão oficial portuguesa havia sido traçada por Francisco Balsemão. Nisso

sempre os dois estiveram de acordo.

E Ramalho Eanes?

"Não divulgo segredos se disser que as relações entre Samora e Eanes são excelentes. Eanes revelou-se um grande homem de Estado. Fez lá dois ou três gestos fora de série."

"Para nós é muito importante ter um país amigo na NATO, atendendo à construção da nação moçambicana que ainda não está edificada, embora não lhes esconda que há uma certa esquerda preguiçosa que se sente mal por sermos amigos de um país da NATO. Somos um país que põe problemas de soberania antes de pôr problemas de NATO. Nós começámos a independência com 98 por cento de analfabetos. Isto já lhes diz qualquer coisa. Uma dificuldade enorme de quadros. Desmandos que se cometeram que poderiam ter sido evitados. Nem quadros tínhamos devidamente preparados para preencher todas as necessidades. Polícia imprevista, etc."

## O papel da África do Sul

Não lhe parece que seria perigoso para Moçambique uma desestabilização na África do Sul?

"Estou inteiramente de acordo. Mas eu pergunto: em que aposta a África do Sul, ao tentar desestabilizar Moçambique? Ela não tem projecto alternativo. Nenhum dos homens da chamada Resistência Nacional Moçambicana tem um projecto político. Limitam-se a cumprir objectivos pontuais que lhes são confiados: destruir uma ponte hoje, dinamitar uma porção de caminho-de-ferro amanhã, etc."

Trata-se de indivíduos que são pontualmente dirigidos para aquele ponto. Depois acabou.

"O que está a acontecer hoje como acontecia antes da independência quando a África do Sul já pretendia substituir-se a Portugal, é que o regime do Apartheid, para se manter, pretende criar ali um subsistema. A África do Sul quer polarizar ali a luta Leste-Oeste, tentando impedir que tenhamos relações com portugueses, franceses, italianos, ingleses, americanos, etc. Porque ela quer ser hegemónica. Não se trata de uma mera corria de transmissão do americanismo reaganista. Ela procura a sua autonomia em função de si mesma e, por isso, tenta hegemónizar a luta e as influências."

## Atentados contra Cahora Bassa

Mas não lhe parece que os atentados contra Cahora Bassa prejudicam a África do Sul do ponto de vista económico?

"É preciso atender a que a África do Sul está a militarizar-se em função da sua hegemonia naquela área. Os atentados contra Cahora Bassa, ferindo os interesses de Portugal, são para dizer claramente aos portugueses que não os quer lá, ao estilo 'aqui quem manda sou eu'. E aqui quer dizer nesta área geográfica. Repito: a África do Sul quer desempenhar uma espécie de papel de subsistema solar com satélites a girarem em torno dos seus interesses imediatos. Quer ser o que são os Estados Unidos face à América Latina. De outra maneira como se pode explicar o golpe nas Ilhas Seychelles? Nunca ninguém falou que houvesse ali bases do ANC."

"Claro que, na minha perspectiva, se a África do Sul continuar com este tipo de política

está a caminhar para o suicídio. Evidentemente que não conseguirá ocupar Moçambique. Cada vez os problemas internos que tem de suportar são maiores, o que leva o regime a militarizar-se. A África do Sul tem de se convencer que não pode eternamente ser uma democracia para brancos e um fascismo para pretos."

## A presença soviética

Gostariamos que nos respondesse a esta pergunta que, em Portugal, é feita da seguinte forma, em diversos ambientes: porque motivo a presença portuguesa foi substituída pela presença soviética?

"Em primeiro lugar, é falso que a soberania portuguesa tenha sido substituída pela soberania soviética. Se outros argumentos fossem necessários, bastariam os acordos militares com Portugal para o provar. Em segundo lugar, não houve transferência de soberania. Se a tivesse havido, não era para a União Soviética, mas para a África do Sul. Aliás, penso que é isso mesmo que o regime do apartheid tenta fazer: criar satélites em condições de soberania limitada."

Em terceiro lugar, na perspectiva de Aquino de Bragança, o que houve foi uma longa luta pela independência que levou, depois, na última fase, à negociação sobre a transferência do poder.

Para o professor moçambicano essa luta produziu uma equipa dirigente das mais profundas e coesas de toda a África. Que assim se mantém desde 1968. Genuinamente nacional, que quer dar resposta moçambicana aos problemas moçambicanos e para isso procura apoios em toda a parte, desde a União Soviética aos países da NATO — para poder ser Moçambique.